

Violência: uma página no plural

Depois dos atentados nos Estados Unidos a temática da violência passou a ser notícia em várias páginas nos jornais em espaços diversificados nas diversas formas de mídia. É um exemplo de um tema transversal. Está nas manchetes de economia, de política, de cultura, enfim, ocupa todos os espaços da representação midiática.

Os assuntos ordinários passam a concorrer com um tema que tem adquirido um caráter quase obsessivo. A guerra e seus derivados têm ocupado a agenda midiática. Até mesmo o caráter excessivo da cobertura tem merecido a atenção de alguns órgãos de imprensa, a exemplo da revista Carta Capital que na sua edição de 24 de outubro de 2001 traz como manchete de capa **A paranóia da guerra** seguida do explicativo subtítulo: nos Estados Unidos, os ataques bioterroristas espalham medo. No Brasil, a megacobertura da mídia amplia uma patética sensação de insegurança.

Com isso estamos contando um a um, e repetidas vezes, os casos de suspeita e contaminação por antraz. A cada nova suspeita, são recordados todos os casos, os nomes, lugares de trabalho e outros detalhes. A opinião pública já pode fazer uma espécie de prova sobre o assunto. Uma tal exploração pode funcionar como exemplo de fuga dos padrões de enunciação da violência, que passa a comprometer a atenção da mídia e da opinião pública a propósito dos problemas habituais.

Essa ponderação, aliás, já tem sido objeto de preocupação por parte de alguns especialistas que, por sua vez, têm tido espaço em alguns meios de comunicação para expor suas ponderações.

Essa espécie de “jeito de pertencer ao problema” pode nos afastar das questões que deveriam ser objeto de nossas preocupações. Assim, por exemplo, na página 12 do caderno de polícia, do dia 22 de outubro de 2001 há quatro manchetes: Nove mortos em vários acidentes na Bahia; Continua rebelião em Porto Seguro; Três pessoas vítimas de seqüestro relâmpago; Cinco pessoas assassinadas em Salvador.

Encontramos mais mortos naquela página do jornal que os casos registrados por antraz nos Estados Unidos. Sabemos também que esse cúmulo de mortes não é uma infeliz coincidência e que habitualmente não registramos tantos casos. Vemos também, sem registro de óbito, que a rebelião em Porto Seguro continua. Sabemos que este assunto representa um grave problema que se evidencia em todo o País, não se trata, portanto de uma caso isolado, de uma espécie de fuga do controle localizada. Entretanto, esses assuntos nunca adquirem a dimensão transversal, não se misturam com os assuntos de economia, de política. Apesar dos títulos estarem apontando para problemas coletivos, isto é, sociais, são temas cativos das páginas policiais.